
A Literatura Rio-grandense na Universidade Federal de Santa Maria: reflexões sobre a pesquisa e a disciplinarização do “regional” e do “regionalismo”

Priscila Finger do Prado[©]

Considerações iniciais

O que pode nos revelar o espaço que uma disciplina alcança em um currículo de uma universidade pública? Onde se funda a necessidade de um saber institucionalizado sobre determinada ordem de estudos? Que limites entre o regional e o regionalismo “obrigam” o estudo da matéria da região como algo separado do contexto integral da nação?

Buscamos, com este trabalho, uma reflexão sobre essas questões, destacando as noções de “disciplina”, “regional” e “regionalismo”, como pistas para pensarmos o lugar da disciplina de Literatura Rio-grandense, no contexto do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trata-se de adentrar um pouco mais a história curricular desse Curso, que se confunde com as histórias de vida dos sujeitos, agentes que protagonizaram a história que hoje podemos conhecer e re-conhecer.

Primeiramente, destacamos o que pode e o que não pode ser uma disciplina, na perspectiva de Michel Foucault, em seu **A ordem do discurso** (2006). Para o autor, “uma disciplina não é a soma de tudo o que se pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que se pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade” (2006, p. 31). Ao explicitar o que não é uma disciplina, Foucault nos conduz a entender que uma disciplina pressupõe um recorte, destacando alguns pontos, dentre a imensidade de possibilidades que um assunto apresenta.

No caso do estudo da produção literária de um estado brasileiro, é necessária a escolha de obras que possam constituir (ou que já constituem) um cânone literário, levando em conta ora a

[©] Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, participante do projeto “A Literatura Rio-grandense na História das Idéias Lingüísticas”, sob orientação da Prof^a. Dr. Verli Petri (apoio ARD-FAPERGS).

abrangência dessa obra em sua época, ora o valor histórico que possa acrescentar no âmbito integral do estudo literário; também os temas que merecem referência por estarem de acordo com uma imagem persistente do estado e do sujeito provindo desse estado; e ainda a perspectiva metodológica mais adequada aos temas e obras escolhidos. Todos esses fatores, talvez não fosse necessário reafirmar, são escolhas, de modo que não são, nem poderiam ser, a única opção em meio a uma integralidade conceitual, se é que podemos falar em integralidade em um campo de estudos. Nessas escolhas, interfere também uma série de fatores que são da ordem do discurso, dentre os quais podemos destacar as condições de produção, que podem ser favoráveis ou adversas, determinando a presença ou a ausência de certos saberes em dada época, no bojo de uma disciplina específica, como ocorre com a Literatura Rio-grandense.

Outro fator importante ligado à constituição de uma disciplina, é o que esta se dispõe a representar. Na perspectiva de Foucault (2006, p.30), a disciplina se constitui como “uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor”. Em outras palavras, a autoria da disciplina é apagada, afim de que tenha sua existência e uso “naturalizados”, passando a soar como neutros, justamente como a ideologia trabalha, produzindo evidências.

De forma geral, a disciplina, para Foucault (2006, p.36), “é um princípio de controle da produção do discurso”, fixando limites entre o que pode ou não ser dito, e de que modo deve ser explicitado. Isso corresponde, em Análise de Discurso, aos saberes próprios a uma determinada formação discursiva (a gaúcha)⁵, que revelam uma forma de regionalização dos saberes advindos do interdiscurso.

Posteriormente, acreditamos necessário apresentar os possíveis limites entre o regional e o regionalismo, principalmente no sul do Brasil; para refletirmos onde um e onde outro predomina, no recorte da disciplina de Literatura Rio-grandense, e ainda, por vezes, em outras disciplinas da área de Letras, que ousam utilizar-se da produção literária gaúcha como matéria de estudo e reflexão. A leitura desses verbetes no Dicionário Aurélio (1975) assim responde a nossa ânsia de diferenciação entre os termos: “regional”

⁵ Cf. Petri (2004).

é o nome dado a tudo aquilo que é “relativo a, ou próprio de uma região; local” (1975), ou seja, no caso em questão, tudo o que possa ser relativo ao estado do Rio Grande do Sul, esse espaço territorial demarcado geograficamente ao sul do Brasil; e “regionalismo”, diferentemente, refere-se a [1] “doutrina que incrementa os agrupamentos regionais”, [2] “sistema ou partido dos que defendem os interesses regionais”, [3] “locução peculiar a uma região, ou a regiões”, [4] “caráter da literatura que se baseia em costumes e tradições regionais” (1975). Mais especificamente, o “regionalismo”, em contraposição ao que é “regional”, exige uma tomada de partido, busca-se no que é regional um argumento para delimitar diferenças entre regiões. Se nos depararmos com o sentido de número quatro, especificamente, vê-se que essa tomada de posição é aplicada à literatura, ligando à prática de escritura ficcional o aspecto peculiar de uma região, tomado justamente dos costumes e das tradições do povo dessa localidade.

Segundo Zilberman (1982), “pertencendo ao campo maior da literatura nacional, a produção sulina precisa preservar sua individualidade, para assegurar seu tratamento singularizado, sem cair no separatismo e na promoção de valores regionalistas e setorizados”. Dessa forma, a perspectiva defendida por Zilberman é a do estudo da literatura do Rio Grande do Sul por seu aspecto regional, de forma que não se restringe ao estudo de obras de temática regionalista tão somente. A autora segue os preceitos de Carlos Dante de Moraes⁶, para a definição do material que constitui a Literatura Sul-rio-grandense, sendo esses: [1] autores nascidos no estado, [2] autores radicados no RS, [3] obras de “‘expressão’ rio-grandense”, [4] o fato de os autores dirigirem suas obras originariamente ao público local.

Assim, resta-nos, por último, apontar o lugar da disciplina de Literatura Rio-grandense entre os conceitos de regional e regionalismo, destacando seu caráter arbitrário de disciplina, e procurando verificar que efeitos de sentidos podem ser constituídos com a existência deste estudo disciplinar, em meio a um ambiente curricular, tanto aos ministrantes da matéria, quanto aos alunos que a cursaram.

⁶ Cf. MORAES, Carlos Dante de. *Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense (esquema)*.in. **Figuras e ciclos da história rio-grandense**. Porto Alegre: globo, 1959, p.179.

A disciplina de Literatura Rio-grandense e a UFSM

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi idealizada e fundada em 1960, pelo prof. Dr. José Mariano da Rocha, mas somente em 1961 teve sua instalação propriamente dita⁷. No mesmo ano de sua instalação solene, foi criado o curso de Letras nessa instituição, o qual foi estabelecido, em 1965, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSM, de forma que, somente em 1978, esse curso passou a ser parte integrante do Centro de Artes e Letras (CAL)⁸. Entre esse período de adaptação do curso de Letras à sua instituição mantenedora, muitas foram as mudanças curriculares, até que chegasse à constituição atual, de maneira que, somente em 1976 foi implementada a habilitação Português/Literatura de Língua Portuguesa⁹.

Essas informações históricas são bastantes importantes para nossa pesquisa, uma vez que delimitam algumas das condições que possibilitaram o aparecimento, no curso de Letras, de uma disciplina específica para estudar a produção literária do estado, além de abrir um espaço de estudo de tais materialidades também em outras disciplinas que dialogam de alguma forma com saberes próprios à Literatura Rio-grandense. É interessante ressaltar que, de acordo o primeiro diário de classe da disciplina de Literatura Rio-grandense encontrado, tal disciplina foi criada um ano após a implementação da habilitação em língua e literaturas de língua portuguesa, isto é, parte-se do pressuposto que, dentre esse um ano que separa esses dois acontecimentos, sentiu-se a necessidade de completar o quadro de disciplinas optativas com o estudo disciplinar da literatura produzida no estado.

É importante considerar também a dificuldade de circulação da literatura produzida fora do eixo Rio-São Paulo, e talvez esse fato tenha funcionado como um dos propulsores da disciplinarização e institucionalização de saberes produzidos localmente. Isso porque havia vasta produção literária, a qual poderia garantir sua circulação pelos estudos universitários. De fato, o caminho das obras que partem do regional para o universal foi traçado por diversas obras e autores, haja vista o trabalho de Érico Veríssimo, no Rio Grande do

⁷ Disponível em <http://www.ufsm.br/>, acesso em 23/05/2007, às 15h.37m.

⁸ Disponível em <http://www.ufsm.br/>, acesso em 23/05/2007, às 15h.43m.

⁹ Disponível em <http://www.ufsm.br/>, acesso em 23/05/2007, às 15h.52m.

Sul; de Jorge Amado, na Bahia; entre tantos outros que, atualmente, são traduzidos em várias línguas.

A essa informação, duas observações podem ser destacadas: a primeira diz respeito ao próprio curso de Letras dessa instituição, o qual foi criado em 1961; e a segunda diz respeito ao momento histórico vigente, sendo que, nessa década, foram implantados no Rio Grande do Sul os cursos de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC-RS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Assim, tem-se, na década de 60, a implantação do curso de Letras da UFSM — duas décadas depois da fundação dos primeiros cursos superiores de Letras no Brasil¹⁰ — ; e, na década seguinte, no intervalo de um ano, o início da habilitação em língua e literaturas de língua portuguesa e o primeiro diário de classe da disciplina de Literatura Rio-grandense na UFSM - tempo coincidente com o início dos primeiros programas de pós-graduação em Letras do estado sulino. Com o que podemos pensar que esses dois momentos (décadas de 60 e 70) estão ligados a carências específicas de seu tempo, sendo que o primeiro está ligado à necessidade de aprofundar o estudo das Letras em si, principalmente voltado para seu posterior ensino; e o segundo, à necessidade de pesquisar e refletir sobre a língua portuguesa, suas especificidades, seus “abrasileiramentos”, sua história no continente americano, sua literatura. Estando o primeiro momento, de certa forma, mais voltado para o “universal”, a fim de acompanhar o movimento dos estudos anteriores sobre língua e literatura; e o segundo já focado no “regional”, na necessidade de estudar especificamente a produção local, para avaliar as diferenças e para se afirmar perante o “outro”.

Assim, temos que, com o início dos cursos de pós-graduação em Letras no Rio Grande do Sul, começam também a se estabelecerem linhas de pesquisa específicas, das quais destacamos a que visa ao estudo de aspectos regionais e regionalistas da língua e da literatura gaúchas.

De acordo com o Manual de Orientação do Currículo de Letras, editado em 1986, o objetivo da disciplina de Literatura Rio-grandense é: “Valorizar e divulgar o folclore, a narrativa e a poesia gaúcha, através da análise de autores representativos da produção

¹⁰ LISBOA, José Carlos. *Teoria Literária e Lingüística nos cursos superiores de Letras no Brasil*. In. *Crítica e História Literária*. Anais do I Congresso de Crítica e História Literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

local”. Tal objetivo vem ao encontro da observação de Regina Zilberman, em entrevista ao Laboratório *Corpus* da UFSM, em 2004¹¹: “Nos anos 70, havia uma simpatia, havia uma grande simpatia pela Literatura Brasileira, Hispano-americana, aquele famoso ‘boom’ tinha começado no final dos anos 60”.

Essa “simpatia pela Literatura Brasileira”, destacada por Zilberman, aponta para o início de uma “redescoberta” do Brasil, só que agora por seus próprios habitantes: *é preciso destacar o que nos faz brasileiros, o que nos diferencia perante os outros*. Numa espécie de Romantismo intelectual, passamos a analisar e criticar o já feito, para constituir uma historicidade nos estudos sobre língua e literatura no Brasil.

Essa “redescoberta” do Brasil pelos pesquisadores brasileiros promoveu no estudo sulino um processo semelhante, de valorização da expressão literária gaúcha, com estudos acadêmicos sobre autores e obras que pudessem constituir mais tarde uma história da literatura sul-rio-grandense.

Nesse processo de construção de uma história literária do RS, ganha destaque o nome de Guilhermino César. É importante ressaltar que ele não foi propriamente o primeiro a apontar para a expressividade da literatura produzida no estado, mas, podemos dizer, o primeiro a sistematizar a produção sulina, de acordo com os preceitos da Historiografia Literária. Guilhermino César, além de ter escrito obras como **História da Literatura do Rio Grande do Sul** (1956), era catedrático da UFRGS, tendo sido, nas palavras de Luis Augusto Fischer, em entrevista concedida para nosso projeto, em 2006, o primeiro titular de Literatura Brasileira da UFRGS. César foi, ainda nas palavras de Fischer, o criador da disciplina de Literatura Sul-rio-grandense, tendo esta surgido em meados dos anos 70, na UFRGS. Fischer também aponta para o interessante fato de que, na década de 70, os professores que iniciavam seus trabalhos na Universidade, e continuavam seus estudos em nível de pós-graduação, decidiram-se pelo estudo sistemático de autores gaúchos:

O Flávio [Loureiro Chaves] estudou o Érico Veríssimo no mestrado e o Simões Lopes Neto no doutorado; a Tânia [Carvalho] estudou o Augusto Meyer, poeta e crítico, no mestrado e no doutorado; a Zilé [Bernd] estudou o Ciro Martins; a Maria Helena Martins estudou o

¹¹ Revista *Fragmentum* n.7. Laboratório Corpus. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004.

Antonio Chimango, do [Ramiro] Barcelos, Amaro Juvenal...[...] o Flávio Aguiar estudou o Qorpo Santo no mestrado, [...] a Léa Mazina estudou Alcides Maia. [...] A Regina [Zilberman] fez teoria, mas o assunto dela batia o regionalismo.

O que é necessário ressaltar, a partir dessa citação, é a estreita relação que adquiriu a pesquisa ao ensino da Literatura Sul-rio-grandense, lembrando-se que a UFRGS mantém a disciplina de Literatura Sul-rio-grandense, criada por César; e que, desta universidade, de seu programa de pós-graduação, principalmente – e do da PUC/RS - emergiram professores que ministram classes nas mais diversas universidades públicas e privadas do RS. A partir desta contextualização, enumerando diferentes universidades gaúchas (tais como a PUC/RS e a UFRGS), passamos a explicitar como se deu e como se desenvolveu todo o processo de disciplinarização/institucionalização da Literatura Rio-grandense na UFSM e sua presença/ausência no currículo de Letras. Partimos, de fato, para uma análise mais aprofundada do material específico da UFSM, ementários, diários de classe, seus professores, a formação teórica destes, e o papel de formadores de novos professores que estes alimentam.

A Disciplina de Literatura Rio-grandense na UFSM

Como já apontado, o Manual de Orientação do currículo de Letras, anteriormente citado, define como objetivos da disciplina de Literatura Rio-grandense o fato de o aluno dever ser capaz de “valorizar e divulgar o folclore, a narrativa e a poesia gaúcha, através da análise de autores representativos da produção local”. Para que essas metas sejam alcançadas, a ementa prevê um programa de ensino, que lança os pontos de interesse da matéria, diante do que se espera que o aluno deva aprender ao cursá-la. São duas as unidades em que este programa se divide: *UNIDADE 1 – A POESIA RIO-GRANDENSE; UNIDADE 2 – A FICÇÃO GAÚCHA*.

A primeira unidade subdivide-se em três momentos da poesia produzida no estado sulino: [1] *A poesia sul-rio-grandense das origens ao simbolismo*; [2] *O modernismo*; [3] *A poesia contemporânea*. Já a segunda unidade subdivide-se em quatro momentos: [1] *A ficção regionalista e Simões Lopes Neto*; [2] *A ficção urbana*; [3] *A história e a política na narrativa moderna*; [4] *A ficção da atualidade*. Desse modo, percebe-se a literatura produzida

no estado, sob uma perspectiva positiva da história, intuindo-se que as mudanças principais na estética literária acordam com o período literário-histórico do qual faz parte. Há uma linha cronológica dirigindo as leituras e há uma espécie de fragmentação temática atravessando o trabalho do professor e, talvez, conduzindo as reflexões dos alunos.

Percebe-se que as linhas apontadas com a ementa são bastante abrangentes, o que possibilita uma maior liberdade de escolha para o professor que fizer uso dela. Contudo, dentre as linhas gerais do programa, os pontos mais específicos convergem para o estudo do Partenon Literário, na unidade sobre poesia, e da obra de Simões Lopes Neto, na unidade sobre prosa, de forma que, ao especificar esses momentos da estética literária sulina, identifica-se uma demonstração de valorização desses itens, os quais não podem deixar de serem lembrados nessa disciplina. Em outras palavras, se há, primeiramente, uma tentativa de ofertar certa liberdade de escolha ao professor que ministrar a disciplina; com a delimitação desses assuntos, mostra-se que sua liberdade termina na necessidade de essas matérias serem apresentadas ao público do curso de Letras da instituição.

Como prevê Foucault (2006, p.30), a ementa da disciplina se encontra desprovida de autoria, constituindo um *sistema anônimo* regulador de sentidos. Assim, ao traçar as linhas gerais dos conteúdos a serem ministrados, e ao delimitar certos pontos mais específicos, a ementa *disciplina* o professor para seus objetivos. No entanto, por a maioria das sugestões do programa ser geral, haverá sempre diferenças no ministrar de um e outro professor, sendo que essa diversidade está tanto ligada à história acadêmica do mestre, quanto ao momento circunstancial de sua vida pessoal e profissional. Dessa forma, a atual matéria de pesquisa do professor, no momento de ministrar certa disciplina, pode condicionar, ao menos aleatoriamente, na efetivação de seu programa perante sua classe de alunos. Conforme Scherer (2002, p. 9),

a demarcação de territórios origina-se a partir de aspectos culturais acadêmicos, tais como a política lingüística de formação sobre a língua, as concepções epistemológicas do saber sobre a linguagem e, sobretudo atualmente, a formação doutoral dos professores, delimitando, assim, territórios e, por consequência, definindo ementas e programas.

Ao observarmos o quadro de professores que ministraram a disciplina de Literatura Rio-grandense na UFSM, registramos, no período de 1977 a 2006, sete nomes diferentes, revezados ao longo das ofertas institucionais: Leila Ritzel; Hélio Neis; Maria Eunice; Kathi; Elaine; Jaime Ginsburg e Pedro Brum Santos. Desses professores, obtiveram certa regularidade na aplicação da matéria apenas três: Leila Ritzel, Hélio Neis e Pedro Brum Santos. Também foi percebido que, de 1977 a 1996, a oferta da disciplina se deu semestralmente, ou seja, em média, a disciplina era ofertada todos os semestres; e, a partir de 1997, sua oferta passou a ser anual, isto é, uma disciplina a cada dois semestres do ano letivo. Assim, temos o seguinte quadro ilustrativo:

Disciplina de Literatura Rio-grandense – período de 1977 a 2006

ANO	Década de 70			Década de 80									
	77	78***	79*	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89
Leila	x			xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	xx	
Hélio													xx
Eunice												x	
Kathi													
Jaime													
Pedro													
Elaine													

ANO	Década de 90								
	91	92	93*	94	95*	96	97	98	99
Leila									
Hélio		xx		x		xx	x		
Eunice									
Kathi	x								
Jaime									
Pedro								x	x
Elaine									x

ANO	Anos 2000					
	01	02	03	04	05	06
Leila						
Hélio						
Eunice						
Kathi						
Jaime	x					
Pedro	x	x	x	x	x	x
Elaine						

*** Não foram encontrados os diários de classe referentes aos anos de 1978,1979,1993,1995.

Como se pode observar, na busca pelo preenchimento da história da disciplina, através de seus ementários e diários de classe, faltaram-nos alguns dados, o que não nos impede, no entanto, de apontar alguns caminhos, pelas regularidades notadas. Dessa forma, podemos perceber que, do ano de 1977 a 1988, a oferta da disciplina para os discentes de Letras da UFSM passou quase que somente pela administração da professora Leila Ritzel, sendo que a terceira oferta do ano de 1988 corresponde a uma oferta especial, a qual com somente uma matrícula. A partir de 1989, a preponderância ao ministrar a disciplina ficou por conta do professor Hélio Neis; e, de 1998 a 2006, período no qual a oferta da disciplina passou a ser anual, a disciplina ficou quase que inteiramente sob a responsabilidade do professor Pedro Brum Santos. Para melhor explicarmos a relação entre professores e conteúdos disciplinares, propomo-nos uma divisão da disciplina em quatro fases: 1ª) Fase de implantação, anos 70; 2ª) Fase de afirmação, anos 80; 3ª) Fase de desenvolvimento, anos 90; 4ª) Fases de Novas perspectivas, anos 2000 – proximidade do fim da disciplina curricular.

Conforme o primeiro diário de classe encontrado, a primeira professora responsável pela disciplina aqui estudada, portanto, foi Leila Agne Ritzel, que ingressou na UFSM em 1º de março de 1976. Os registros encontrados no arquivo de diários de classe do Departamento de Letras Vernáculas demonstram que a disciplina de Literatura Rio-grandense, assim foi denominada, foi ministrada pela primeira vez no segundo semestre de 1977, para uma turma de alunos do curso 112 – Letras – Português e Literatura Portuguesa. Trata-se de uma disciplina de 3 créditos, com 45 horas/aula, de cunho obrigatório, sob o código de LET235.

Os registros encontrados no Diário de Classe da professora Leila, de 1977, são representativos da fundação da disciplina na UFSM na década de 70, sendo os únicos registros que se tem notícia desse período. Para o presente estudo, o referido Diário de Classe funciona como revelador dos elementos referenciais para todo o trabalho que se desenvolve na seqüência, ou seja, os anos 80 e 90.

No Diário de Classe de 1977, temos o registro dos conteúdos e obras trabalhados, obedecendo à subdivisão proposta pela ministrante da disciplina, da seguinte forma:

Total: 12 sub-itens:

- a) 7 itens exploram a obra de Simões Lopes Neto, teórico-metodologicamente;
- b) 1 item explora poeta local, santa-mariense;
- c) 3 itens exploram a literatura produzida no Rio Grande do Sul na época contemporânea;
- d) 1 item explora o realismo fantástico em “Incidente em Antares”, de Érico Veríssimo.

Vejam os quadro nº 1:

1977/II – PROFESSORA LEILA

- A obra de Simões Lopes Neto
- A identificação homem/natureza em *Trezentas Onças*
- Estudos teóricos sobre **Contos Gauchescos** (atuação do narrador, as técnicas narrativas, o presente e o passado)
- O real e o fantástico nos contos **Casos de Romualdo**
- Estudo de *A Figueira, O Cobertorzinho de Mostardas, Três Cobras, A Tetéia*
- O real e o fantástico em *Tatu Rosqueira, O meu rosilho pioelho, A onça enfreada, A quinta de Romualdo, Essência de cachorro, O papagaio.*
- Estudo da lenda *A Salamanda do Jarau*
- Felipe D'Oliveira- vida e obra
- A poesia de Carlos Nejar; Livros: **O Campeador e o Vento e Canga**
- Tema e simbologia dos poemas de **Canga**
- **Ciclo das Águas** de Moacyr Scliar
- **Incidente em Antares**, de Érico Veríssimo

Como podemos notar, a presença do regionalismo gauchesco é muito forte e Simões Lopes Neto ganha lugar de destaque, lembrando-se que, no programa da disciplina, esse autor, juntamente com a Sociedade Partenon Literário, era o único conteúdo realmente definido. É importante observar que a leitura das obras se mostra como um pressuposto presente nos registros do diário de classe, pois não aparecem propostas de análise ou de realização de trabalhos escritos “sobre”. As únicas referências ao trabalho com elementos da Teoria Literária estão vinculadas aos seguintes enunciados:

- “Estudos teóricos sobre Contos Gauchescos (atuação do narrador, as técnicas narrativas, o presente e o passado)”;
- “O real e o fantástico”; e
- “Estudo da lenda”.

Esse dado, ao nosso ver, revela a força do trabalho do texto sobre ele mesmo, a prática da leitura dessas obras, explicitando o comprometimento da disciplina que ali se funda com a produção literária regionalista e sul-rio-grandense, tendo em vista também que a disciplina de Teoria Literária, tal como é concebida atualmente, era ainda recente. Isso estaria acima de quaisquer elementos teóricos,

marcando uma relação muito mais do que teórica entre os textos e conteúdos disponíveis e as escolhas do professor, pois se trata do funcionamento da ideologia a sustentar as formas de disciplinarização desses saberes locais.

O Diário de Classe que inaugura os anos 80 também tem a professora Leila Ritzel como responsável. Nesse segundo momento da disciplina, é revelada a presença de um menor número de sub-itens, o que passa a ser uma prática recorrente nos anos seguintes. Vejamos o quadro nº 2, comparando o primeiro e o segundo semestre desse ano:

1980/I - PROFESSORA LEILA	1980/II - PROFESSORA LEILA
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contos Gauchescos de Simões Lopes Neto ▪ Presente e passado nos Contos de Simões Lopes Neto ▪ Análise de <i>A Salamanca do Jarau</i>, baseada no texto <i>O mito e o romance</i> ▪ Casos de Romualdo ▪ Estudos teóricos do livro A invenção, o mito e a mentira ▪ Análise de O Continente de Érico Veríssimo, baseado em estudos de <i>O mito e o romance</i> ▪ Análise de Porteira Fechada de Cyro Martins ▪ Análise de O ciclo das Águas, de Moacyr Scliar ▪ Incidente em Antares, de Érico Veríssimo 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise de <i>A Salamanca do Jarau</i> ▪ Contos Gauchescos ▪ Casos de Romualdo ▪ O Continente, de Érico Veríssimo ▪ O Ciclo das Águas, de Moacyr Scliar ▪ Porteira Fechada, de Cyro Martins ▪ Incidente em Antares, de Érico Veríssimo -- papel do narrador, tipo de discurso narrativo, narrativa simples e complexa ▪ O Louva-a-Deus, de Antonio Carlos Rezende ▪ Análise de Os Tambores Silenciosos, de Josué Guimarães

Nesse quadro, encontramos em ambos os planos de aula, referentes aos semestres letivos de 1980, nove sub-itens, isto é, diminuídos três em relação ao momento fundador da disciplina, que possuía então doze. Desse total, encontramos a seguinte disposição, em relação aos temas e obras a serem trabalhados:

- a) 4 itens exploram a obra de Simões Lopes Neto, teórico-metodologicamente, no primeiro semestre, e 3 itens a exploram, no segundo;
- b) 1 item explora aspectos teórico-literários, puramente, no primeiro semestre; sendo que, no segundo, aparecem 2 itens com a presença de dois autores gaúchos não referendados no plano de aula anteriormente analisado (de 1977): Antônio Carlos Resende e Josué Guimarães;
- c) 2 itens exploram a obra de Érico Veríssimo, em ambos os semestres, com as referidas obras: **Incidente em Antares** e **O Continente**. Diferindo apenas a ordem de apresentação das mesmas;

d) 1 item aborda a obra **Porteira fechada**, de Cyro Martins, em ambos os semestres. Mas em ordens diversas:

e) 1 item explora a obra **O ciclo das águas**, de Moacyr Scliar, em ambos os semestres, se bem que em diferente ordenação.

Com isso, podemos notar que, afóra algumas mudanças na seleção de obras, autores e caminhos teóricos, que ocorrem tanto devido às circunstâncias históricas, quanto ao funcionamento ideológico que interfere nas escolhas de cada professor; os trabalhos com Simões Lopes Neto e Érico Veríssimo se mostram recorrentes, demonstrando um ponto importante do estudo da literatura regional gaúcha, é a presença marcante do que é local e ascende para o universal. Nomes como Cyro Martins e Moacyr Scliar também se mostram recorrentes nos registros de diários de classes, revelando a presença do mais atual. Também é digna de nota a permanência de uma perspectiva de estudo das obras com base na leitura e na análise das mesmas, sendo que são encontrados apenas três itens que mencionam elementos de Teoria Literária, no plano de aula do primeiro semestre, e somente um no plano do segundo semestre.

Como um terceiro momento da disciplina no Curso de Letras da UFSM, escolhemos dois planos de aula da década de 90: o primeiro ministrado pela professora Leila Ritzel (o último a ser por ela ministrado, de número 20); e o segundo, pelo professor Helio Neis (o terceiro executado por ele, num total de 9).

1990/I - PROFESSORA LEILA	1990/II - PROFESSOR HELIO
<ul style="list-style-type: none">▪ As primeiras manifestações literárias no RS, O Partenon literário▪ Panorama geral histórico- literário do RS▪ A ficção regionalista de Simões Lopes Neto, O Regionalismo e Simoes Lopes Neto, a visão do gaúcho▪ Análise dos contos gauchescos de Simões Lopes Neto, <i>Trezentas onças</i>, <i>Negro Bonifácio</i>, <i>Boi velho</i>, <i>Jogo de osso</i>▪ A permanência do regionalismo▪ O Continente de Érico Veríssimo▪ A nova ficção urbana no RS, história e política no romance moderno▪ A festa no castelo de Moacyr Scliar▪ Análise de A ferro e fogo: tempo de solidão, de Josué Guimarães▪ Análise de O Centauro no Jardim, de Moacyr Scliar▪ Análise de O Exílio de Lya Luft	<ul style="list-style-type: none">▪ Introdução ao RS, texto de Maria Luiza Armando▪ Os acontecimentos político-históricos do RS e sua literatura▪ O regionalismo na literatura do RS, os cantos da monarquia▪ Análise de textos: poesia monárquica e arcaica▪ Estudo de textos de Simões Lopes Neto▪ O Partenon literário, origem, importância e realizações▪ Um quarto de légua em quadro e o romance da imaginação▪ Fronteira agreste: o romance da desmitificação do gaúcho▪ Estudo de textos de poetas gaúchos▪ Camilo Mortágua: a análise da derrocada da oligarquia▪ Incidente em Antares: reflexo

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise da poesia de Felipe D' Oliveira ▪ Análise de O Jardim do Diabo, de Luis Fernando Veríssimo ▪ Análise de Hotel Atlântico de João Gilberto Noll 	<p>dos acontecimentos políticos na literatura do RS</p>
---	---

Nesse terceiro período da disciplina de Literatura Rio-grandense, verificamos algumas mudanças de métodos, não só com a diversificação dos professores, mas sim dentre as perspectivas da mesma ministrante dos momentos anteriores desta “cadeira” do curso de Letras. Assim, nos registros da professora Leila Ritzel, verificamos um viés mais historicista, um pouco mais apegado ao programa, apresentado pelo Manual de Orientação do Currículo de Letras, antes mencionado. Os três eixos que direcionam seu plano de aula são os seguintes:

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> a) Os primórdios da formação da literatura gaúcha, com destaque para o Partenon Literário; b) Simões Lopes Neto e o regionalismo gaúcho; c) A ficção contemporânea do estado. |
|---|

Dentre esses itens, verificamos novamente a presença dos autores Simões Lopes Neto, Érico Veríssimo, Moacyr Scliar, além das figuras de Felipe de Oliveira e Josué Guimarães, um pouco menos recorrentes dos diários de classe anteriormente analisados. Como inovações no último plano de aula encontrado desta professora, na disciplina, temos os seguintes nomes de escritores: Lia Luft, Luis Fernando Veríssimo e João Gilberto Noll. Cabe destacar que a professora, ao escolher um viés historicista para o estudo das obras e dos períodos da literatura sulina, parece atenuar a perspectiva teórico-literária.

No plano de aula do professor Helio Neis, observamos uma maior síntese nos enunciados das matérias planejadas, de forma que são especificados os títulos das obras, sem que sejam mencionados seus autores. Aqui verificamos uma diferente disposição dos eixos norteadores.

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> a) Formação da literatura gaúcha, com destaque para o Partenon Literário; b) Simões Lopes Neto e o regionalismo gaúcho; c) A poesia gaúcha; d) A ficção do estado. |
|---|

A perspectiva do professor Helio Neis, como se pode ver, também pende para o historicismo, a ponto de tentar verificar a

presença da História na ficção, como aparece no último título de seu diário de classe, por exemplo, ao mencionar o estudo da obra de Érico Veríssimo, **Incidente em Antares**: “reflexo dos acontecimentos políticos na literatura do RS”. Podemos dizer ainda que o que diferencia seus eixos norteadores dos da professora Leila Ritzel, basicamente, é o acréscimo do estudo da poesia produzida no estado.

O último momento da disciplina no currículo de Letras da UFSM é marcado pela constante presença do professor Pedro Brum Santos, e os registros a serem analisados correspondem à terceira disciplina ministrada pelo mesmo, num total de nove, que foram encontradas nos diários de classe do Departamento de Letras Vernáculas do curso.

2000/II – PROFESSOR PEDRO

- Análise de poema de Aureliano F. Pinto
- Literatura no RS: século XIX
- Períodos da literatura do RS: autores e obras
- Manifestações da gauchesca
- Estudo de poetas simbolistas
- Estudos de poetas modernistas
- Estudo de poetas contemporâneos
- Seminário sobre Simões Lopes Neto
- Seminário sobre Cyro Martins

Nessa seleção, verificamos uma maior generalização no tratamento dos conteúdos, de modo que somente são especificados os escritores Aureliano Pinto, Simões Lopes Neto e Cyro Martins. O primeiro representando a poesia gaúcha, e os demais, a ficção regional. A perspectiva do professor Pedro B. Santos também destaca o viés historicista, como podemos notar pelos títulos: “Literatura no RS: século XIX”; “Períodos da literatura do RS: autores e obras”; “Estudo de poetas simbolistas”; “Estudo de poetas modernistas”; e “Estudo de poetas contemporâneos”. Também é possível destacar que, se nos registros dos professores antes analisados aparecia o estudo da poesia como uma exceção, com os diários de classe do professor Pedro, a situação se modifica, de maneira a predominar o estudo da poesia, em detrimento da prosa gaúcha.

A perspectiva teórica propriamente, afóra as possivelmente utilizadas nas análises de obras mencionadas, somente ganha espaço, no diário de classe, no tratante à literatura gauchesca, que leva em conta o regionalismo antes do regional como um todo.

Nos registros do professor Pedro, então, há um espaço consagrado à Teoria Literária, pelo estabelecimento de relações entre a disciplina de Literatura Rio-Grandense e Literatura Brasileira, propriamente. Há, portanto, um diferencial que talvez nos ajude a compreender melhor o espaço destinado à disciplina que ora estudamos, ela é uma disciplina optativa, na UFSM, mas alguns de seus aspectos podem estar contidos em edições de disciplinas que tratam de Literatura Brasileira, ou de disciplinas que promovem a análise das obras literárias, conforme preceitos da Teoria Literária, tal como é feita atualmente.

Ao estudarmos os diários de classe dos professores mencionados, não pretendemos julgar suas práticas ou escolhas, mas sim verificar como a disciplina se forjou no curso de Letras da instituição, bem como que pontos foram destacados para o estudo da literatura sulina. Isso porque, como sabemos, os alunos que cursaram essas disciplinas e que precisarem ministrar aulas de Literatura Brasileira, ou de Literatura Sul-rio-grandense propriamente dita, terão como princípio de base o que estudaram na graduação. Não há como negar que a presença/ausência desta disciplina revela diferentes momentos da formação identitária dos professores de Literatura e de Língua, egressos da UFSM.

Além disso, como dissemos anteriormente, a história das disciplinas não pode ser separada da história dos sujeitos que a concebem, bem como da instituição em que estão inseridas. Dessa forma, muitas vezes os interesses pessoais e profissionais dos professores acabam interferindo na elaboração de seus planos de aula. Dos sujeitos que analisamos, cabe agora lembrar algumas dessas interferências nas práticas profissionais da professora Leila Ritzel e do professor Pedro Brum Santos, dos quais encontramos referências.

A professora Leila Ritzel, em cujos diários de classe percebemos a constante reiteração no estudo de Simões Lopes Neto, tem artigo publicado sobre o autor na revista *Literatura*, em parceria com Maria L. Ritzel Remédios¹², além de explorar o estudo desse autor em outras disciplinas as quais ministrou, como a de Teoria Literária, do segundo semestre de 1982, na UFSM. Já o professor Pedro B. Santos, além de ter realizado sua dissertação de mestrado, no estudo de um autor gaúcho, como nos mostra o título

¹² RITZEL, Leila; REMÉDIOS, Maria. *A identificação homem-natureza em Trezentas onças, conto de Simões Lopes Neto*. In *Literatura*. Santa Maria/RS: UFSM, dez. 1976.

de seu trabalho, *Símbolo e alegoria: a modernidade na poesia de Felipe D'Oliveira*; costuma participar de projetos que envolvam a produção literária sulina, como podemos verificar pelo título dos projetos dos quais faz parte desde 2001, “Historiografia literária sul-rio-grandense: fundamentos e conceitos” e “Literatura, memória e identidade no Rio Grande do Sul”¹³. Eis que a pesquisa e o ensino estão caminhando juntos desde a fundação do lugar da Literatura Rio-Grandense até os dias de hoje, na UFSM.

Sabemos que não é possível definir até que ponto o trabalho individual influencia na atuação da disciplina, ou até onde o ministrar da disciplina interfere no trabalho individual, o certo é que certas práticas da história profissional dos sujeitos não passam em branco diante de suas histórias pessoais.

Retornando à configuração curricular da disciplina estudada, convém destacar que, no que diz respeito à denominação que a disciplina recebe, “Literatura Rio-Grandense”, desvela-se a ausência de preocupação com a demarcação do espaço sulino, o que nos leva a crer que havia um senso comum imperando sobre essa denominação, o que pode ser resumida pela seguinte máxima “se a literatura é rio-grandense, está sendo ministrada numa universidade gaúcha, só pode ser sul-rio-grandense”, todos os demais sentidos ficam apagados. Esse senso impregnado de regionalismo aparece como uma evidência estabelecida, instituída e inquestionável. Somente em 1988, vamos encontrar um Diário de Classe da disciplina, registrado como Caderno Suplementar, onde aparece a denominação Literatura Sul-rio-grandense, sob o código LTV805, já não mais ministrada pela professora Leila, e sim pela professora Maria Eunice. Ao que tudo indica, trata-se de uma oferta especial para uma única aluna, já que na continuidade aparece a professora Leila, ainda como responsável pela disciplina, sendo que, nos Diários que se seguem ao ano de 1988, ainda se revela a denominação de Literatura Rio-Grandense, simplesmente.

É interessante destacar ainda sobre o lugar da disciplina no currículo de Letras da UFSM, já que essa pertence ao currículo 732 (licenciatura em Português), como disciplina obrigatória, e aos currículos 730 (licenciatura em Francês), 731 (licenciatura em Inglês) e 733 (licenciatura em Espanhol), como disciplina optativa. No entanto, tais currículos enquanto tais vigoraram oficialmente no curso, até o ano de 2006, sendo que, a partir de então, outros

¹³ Mais informações no endereço eletrônico <http://lattes.cnpq.br/8231452052035761>.

currículos foram ativados, de forma que, com o currículo 732, extinguiu-se também a disciplina de Literatura Rio-grandense, que poderá ser ofertada agora somente como disciplina complementar de graduação (DCG), logo, sem regularidade provável.

Considerações finais

O espaço que uma disciplina alcança em um currículo de uma universidade pública pode nos expor muito mais do que se espera de um espaço de registro acadêmico. A necessidade de o meio acadêmico validar uma produção artística já existente, tanto na forma erudita, quanto na manifestação popular, reflete uma carência de uma época e de um espaço específicos. No Rio Grande do Sul, quando se tomou partido quanto à caracterização do regional, obteve-se a regularização do regionalismo; e a identificação do povo sulino com as manifestações regionalistas, mesmo que somente como ponto de partida para a negação dessas, permitiu o estudo regular dos feitos literários do estado. Ou seja, o que queremos dizer é que a saliência do regionalismo incentivou o estudo do regional como um todo.

No caso da disciplina “Literatura Rio-grandense”, da Universidade Federal de Santa Maria, pudemos verificar que não constituem a disciplina somente o estudo do regionalismo literário, mas que este é constantemente reiterado, tanto no plano de estudos do Manual de Orientação do Currículo de Letras, quanto nos diários de classe dos professores que a ministraram. Dessa forma, é possível a seguinte máxima: *é preciso identificar o que nos diferencia, para que possamos estudar o que nos aproxima do todo (nação).*

A Literatura Sul-rio-grandense não se quer distanciar da Literatura Brasileira, da qual faz parte, mas assegurar seu estudo individual, para afirmar seus pontos de convergência e de divergência perante o todo que integra. Da mesma forma, o estudo disciplinar da literatura sulina só vem a complementar o cenário literário brasileiro, em sua riqueza de temas e expressões.

Esse estudo pôde nos mostrar também que a história de vida dos sujeitos sempre se liga de alguma forma à história da instituição da qual fazem parte, bem como da disciplina que cursam ou ministram. De forma que aos professores, muitas vezes, nota-se certa influência na configuração de seus diários de classe, conforme os estudos que realizam particularmente, e vice-versa. E aos alunos,

futuros professores, resta-nos dizer que não sairão “ilesos” ao que estudaram na Universidade, o que deverá direcionar suas futuras atuações. Assim também quanto à disciplina que estuda a literatura do estado especificamente, os alunos que a cursaram, obrigatoriamente no currículo 732, ou os que, devido à não-obrigatoriedade, não a cursaram, terão diferenças em suas formações acadêmicas. Um outro direcionamento de estudo talvez, embora não se afirme que uns ou outros sejam privilegiados por isso.

Por último, cabe destacar o espaço da disciplina estudada no currículo do curso de Letras da UFSM. Obrigatória em um currículo, opcional nos demais, com as mudanças que sofreu o curso em suas formações curriculares, o lugar para o estudo da literatura gaúcha ficou indefinido. Podendo ser ministrado como uma disciplina complementar de graduação (DCG), pode também cair no esquecimento dos currículos, dependendo das condições de produção, às vezes favoráveis e outras vezes adversas. Nada é definitivo: presença e ausência, há oscilações de diferentes ordens, mas uma coisa é certa, a disciplinarização da Literatura Rio-Grandense, nas universidades federais (e outras), no Rio Grande do Sul, é constitutiva da História das Idéias que faz desse grupo social uma singularidade em sua língua, cultura e literatura.

Referências bibliográficas

- SCHERER, Amanda Eloina. (2005) *Lingüística no Sul: estudo das idéias e organização da memória*. In: GUIMARÃES, Eduardo; BRUM DE PAULA, Miriam Rose. (Orgs.) **Sentido e Memória**. Campinas/SP: Pontes. p. 9-26.
- FOUCAULT, Michel. (2006) **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola.
- LISBOA, José Carlos.(1964) *Teoria Literária e Lingüística nos cursos superiores de Letras no Brasil*. In. **Crítica e História Literária**.Anais do I Congresso de Crítica e História Literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Revista *Fragmentum* n^o7. (2004) Laboratório Corpus. Santa Maria: Ed. UFSM.

PETRI, Verli (2004). **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras. Tese de Doutorado.

ZILBERMAN, Regina. (1982) **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto.